

EDITORIAL

EDITORIAL

A identidade constitui-se como uma das temáticas mais intrigantes com que o pensamento se pode deparar. Conhecer o que constitui a identidade de um indivíduo, de uma instituição, de uma colectividade, implica apreender o que se mantém naquilo que varia: o substrato, *isso* que lhes confere unidade e continuidade perante o tempo e a mudança. Dito de outro modo, a identidade configura-se como uma relação de continuidade que o ser mantém consigo mesmo, relação expressa como fundamento unificador e integrador daquilo que, nele, é mudança.

Mas a questão da identidade começa por desafiar-nos mesmo antes da sua definição, na sua própria possibilidade, remetendo para uma questão anterior: haverá, de facto, algo que permaneça no seio da mudança? Constituindo-se a realidade que nos cerca como trânsito contínuo, será possível conceber uma esfera refratária ao movimento, que lhe resista e se mantenha idêntica?

O processo de mudança fisiológica acompanha a nossa individualidade

desde o preciso momento da concepção (quando somos meros zigotos) e só nos abandona quando, após a morte, a nossa matéria corporal for definitivamente integrada nos elementos naturais. Ao observarmos uma fotografia da infância, quase nem reconhecemos os traços que hoje nos olham no espelho. E, no entanto, somos o mesmo indivíduo. Certamente não o seremos no sentido de permanecermos com as exatas características que nos descreviam enquanto crianças. Contudo, há alguma coisa que permite reconhecemo-nos e sermos reconhecidos pelos outros, quando salta do arquivo fotográfico uma imagem daquilo que fomos quando bebês.

Sim, há algo que nos identifica: um conjunto de traços, de características, de elementos, que justificam que continuemos a ser nós próprios e não outros. O próprio facto de falarmos de “indivíduos”, de “colectividades”, enfim de “entidades”, significa que existem como algo que permanece e que é idêntico a si próprio. Têm, portanto, realidade as suas identidades...

Nem que, em último caso, apenas como unidades de sentido subjacentes à linguagem que viabilizam a comunicação intersubjetiva.

Mas logo outra questão se coloca: até onde poderá a mudança ocorrer e, ainda assim, preservar-se o fundo identitário que lhe subjaz? Certamente que aspectos como os traços fisiológicos, as condições e os contextos exteriores alteram-se significativamente. “Já não tenho a mesma força”, reclama o septuagenário ao subir os degraus que, em criança, eram percorridos em saltos de dois. “A sociedade já não tem os mesmos valores”, desabafa a senhora ao confrontar os hábitos de hoje com os de há 30 anos. “As nossas manifestações culturais estão longe do que as caracterizava no início do século passado”, conclui ainda o etnólogo. E, no entanto, a mudança não foi radical ao ponto de se terem tornado outros ou terem, simplesmente, deixado de existir.

A linha que separa o que muda e o que permanece parece-nos, então, ténue e fluida, em abertura e (re)construção permanentes. Porém, assume também um carácter fundamental para que, permanecendo os mesmos, nos possamos reinventar criativamente e, assim, evoluir.

A questão da identidade segue complexa nas suas diversas manifesta-

ções: biológica, cultural, política, religiosa, entre outras tantas. É no entrosamento de todas estas expressões, entendidas mais como tendências em aberto do que como facetas definidas e cristalizadas, que se constitui aquilo que faz de um indivíduo, de uma colectividade, o que são enquanto tais. E que, em simultâneo, serve como factor de diferenciação, reforçando quer pelo contraste com a identidade do outro, quer pela imagem projetada no contacto intersubjetivo, os traços identitários da entidade em causa.

É na órbita desta vasta e intrincada problemática – que aqui apenas ensaiamos de uma forma muito geral e esquemática – que surge mais um número do *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*.

O contexto das reflexões agora trazidas a lume situa-se na questão da identidade não apenas singularmente concebida, mas entendida pluralisticamente, como *identidades*. Abrimos, assim, ainda mais o âmbito da reflexão, permitindo que a confluência de visões diversas (da filosofia à literatura, da linguística à política, da história ao património, da sociologia à economia) venha sublinhar a riqueza da temática em análise. Os *contextos*

de mudança reforçam, no subtítulo do volume, os desafios e as interpeleções que hoje, talvez mais do que nunca, são colocados à(s) nossa(s) identidade(s): humana, europeia, portuguesa, açoriana.

De referir também que o próprio *Boletim* constrói a sua identidade em contextos de mudança: a partir da presente edição, surgirá uma nova secção a que se entendeu dar o título de “Memória”. Trata-se de uma espécie de (re)visita a textos que tanto poderão ser opúsculos há muito saídos dos prelos, como contemplar conferências, palestras ou ensaios jamais tornados acessíveis ao público em letra de imprensa, e a que o peso da idade, no primeiro caso, conferiu o estatuto de raridade bibliográfica ou, no segundo caso, apenas conhecidos de um público restrito. Como critério de selecção, tanto dos Editores, como do Conselho Editorial, prevalecerão factores que terão em conta a relevância da temática e a própria qualidade dos textos.

A estreia da secção agora introduzida não poderia revelar-se mais auspiciosa, privilegiando um ensaio da autoria do 1.º Reitor do então Instituto Universitário dos Açores, hoje Universidade dos Açores, Professor Doutor José Enes, dedicado ao poeta faialense Manuel Joaquim Dias.

Neste 21.º número do *Boletim*, e repetindo-se o padrão dos volumes anteriores, a excelência dos colaboradores materializa-se generosamente num conjunto de reflexões de qualidade ímpar. A todos os que permitiram que este *Boletim* tivesse a forma e a matéria agora apresentadas, aos autores e à Comissão Editorial, manifestamos em nome dos Editores e do *Núcleo Cultural da Horta* um sincero agradecimento, certos de que a melhor compensação para este esforço gracioso residirá, iniludivelmente, no valioso contributo dado para que o conhecimento do que fomos e do que somos se torne sólida matéria-prima do pensar.

MAGDA COSTA CARVALHO